

IMAGENS QUE DESEDUCAM: ESTEREÓTIPOS CORPORAIS DO NORDESTE NA IA E O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA RE-EXISTÊNCIA NORDESTINA

Simone Maria da Silva ¹
Kamilla Alessandra Félix Rosa ²
Maria Cristina de Carvalho Xavier ³
Matheus de Castro Ferreira ⁴
Erivano Rocha da Silva ⁵

RESUMO

O relato investigou como imagens geradas por inteligência artificial (IA) reproduzem estereótipos sobre a cultura corporal do Nordeste e discute o papel da Educação Física escolar, orientada pela educação contextualizada, na formação de leituras críticas e na valorização identitária. Parte-se do pressuposto de que a estereotipia, historicamente constituída e reforçada por dispositivos midiáticos, novas tecnologias e pelas próprias produções culturais, imprime imagens caricaturais de traços, de cenários e de práticas corporais. Nessa direção, há um deslocamento simbólico para um lugar de subalternidade. A partir dessa problemática, buscou-se compreender em que medida uma intervenção pedagógica pode tensionar tais narrativas e favorecer processos de re-existência nordestina. Trata-se de estudo de abordagem mista, desenvolvido no âmbito do PIBID Universidade Federal do Vale do São Francisco na EREM Professora Osa Santana de Carvalho (Petrópolis-PE), entre 26/05 e 11/08/2025, envolvendo 64 estudantes do Ensino Médio. A intervenção articulou: rodas de conversa diagnósticas; sequência didática de danças juninas; análise coletiva de 12 imagens produzidas por modelos de IA a partir de prompts sobre “nordestinos” e “sertanejos”; e aplicação de questionário; culminando na produção dos painéis “IA × Realidade”. Os resultados indicaram rejeição às representações de IA como retratos adequados da comunidade e ampliação da percepção de diversidade após as vivências corporais; quase metade concordou fortemente que a IA reforça estereótipos negativos sobre a cultura corporal nordestina. Nas respostas abertas emergiram três eixos: reconhecimento de semelhanças periféricas, identificação de distorções recorrentes (traços faciais homogêneos, ruralidade datada) e proposição de estratégias de mudança (valorização de produções locais e divulgação do cotidiano). Conclui-se que, integrada às linguagens digitais e às práticas

¹ Graduando do Curso de Educação Física ABI da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, simonesanielly9@email.com;

² Graduado pelo Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, kamillaarosa96@gmail.com;

³ Graduado pelo Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, maria.cristinacx6@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, matheus.castrodj123@gmail.com;

⁵ Professor orientador, Professor Supervisor do PIBID, Graduado pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF erivano.rsilva@professor.educacao.pe.gov.br





corporais locais, a Educação Física escolar opera como dispositivo crítico capaz de desconstrução de estereótipos e fortalecimento identitário, promovendo protagonismo discente e consolidando a escola como produtora de re-existências.

Palavras-chave: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Nordeste, Educação Física, Cultura Corporal, Inteligência Artificial.

INTRODUÇÃO

A consolidação de estereótipos sobre corpos e culturas nordestinas constitui um processo histórico e simbólico que ultrapassa o campo folclórico, configurando-se como dispositivo de poder e dominação. Desde o período colonial, discursos hegemônicos moldaram a imagem do Nordeste como um espaço de carência e subalternidade, sustentando representações que, segundo Bhabha (1998), fixam identidades e naturalizam desigualdades. Esses estigmas persistem e se reatualizam por meio de novas tecnologias midiáticas e digitais, como a inteligência artificial generativa, que reproduz padrões visuais e narrativos excludentes, como afirma Porikli; Porikli (2025). Ao criar imagens a partir de dados enviesados, a IA tende a reforçar os mesmos imaginários cristalizados por séculos de colonialismo e centralismo cultural, evidenciando a continuidade de um olhar de fora sobre o Nordeste.

De Albuquerque Júnior (2007; 2021) argumenta que a “invenção do Nordeste” é resultado de um longo processo discursivo em que a estereotipia se tornou linguagem dominante. Ao associar a pobreza e a seca a traços identitários da região, o discurso determinista transformou desigualdades históricas em essências naturais, deslocando a responsabilidade das condições sociais para o próprio território. Nesse mesmo sentido, De Nazaré (2019) enfatiza que o imaginário sobre o Nordeste é alimentado tanto por quem o observa de fora quanto por seus próprios habitantes, consolidando imagens simbólicas que moldam a forma como o povo nordestino é percebido e como se reconhece. Essas representações visuais, sejam elas veiculadas pela mídia tradicional ou por algoritmos de inteligência artificial, têm impacto direto na construção de identidades e na manutenção de hierarquias sociais e culturais.

Diante desse cenário, a intervenção pedagógica realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UNIVASF), na Escola de Referência em Ensino Médio Professora Osa Santana de Carvalho, em Petrolina-PE, entre maio e agosto de 2025, buscou compreender como imagens geradas por IA reproduzem estereótipos corporais sobre o Nordeste e de que modo a Educação Física escolar pode atuar na formação





de leituras críticas e na valorização identitária dos estudantes. A iniciativa surgiu da necessidade de tensionar as narrativas que reduzem o Semiárido à escassez e de propor experiências pedagógicas que afirmem a pluralidade cultural e corporal da região. Assim, o projeto articula o campo das tecnologias digitais com os estudos da cultura corporal e da educação contextualizada, inserindo a prática docente no debate contemporâneo sobre representações e reexistências.

Nesse contexto, a Educação contextualizada, como propõe Kraus (2015), oferece um caminho de ruptura com o tecnicismo e com a visão assistencialista historicamente atribuída ao Semiárido. A autora defende uma pedagogia ancorada nos saberes locais, que reconheça o território como espaço de potência e emancipação. Em diálogo com essa perspectiva, Kunz (1999) propõe uma concepção crítico-emancipatória da Educação Física, na qual o corpo é compreendido como linguagem e território de resistência. Essa articulação teórica sustentou o projeto “Imagens que deseducam”, que teve como objetivo principal analisar criticamente as representações corporais produzidas por modelos de IA e promover vivências corporais que valorizassem as manifestações culturais nordestinas. A partir dessa abordagem, buscou-se desenvolver uma leitura crítica das imagens, incentivar o protagonismo discente e fortalecer vínculos entre escola, cultura e identidade.

Metodologicamente, a pesquisa adotou abordagem mista (quantitativa e qualitativa), de caráter descritivo e interventivo, envolvendo 64 estudantes do Ensino Médio. As atividades foram realizadas em três etapas integradas: rodas de conversa diagnósticas, oficinas de danças juninas e análise crítica de 12 imagens geradas por modelos de IA. A coleta de dados combinou questionários mistos (Likert e abertos), analisados por estatística descritiva e análise de conteúdo. Essa organização metodológica possibilitou compreender as percepções dos estudantes antes e depois da intervenção, relacionando a leitura crítica das mídias visuais às vivências corporais contextualizadas.

Os resultados evidenciaram transformações significativas na percepção dos estudantes. A maioria rejeitou as imagens de IA como representações adequadas, reconhecendo nelas “estereótipos exagerados” e distorções da realidade. Paralelamente, 57,8% dos participantes declararam ter ampliado sua visão sobre a diversidade cultural nordestina, demonstrando fortalecimento identitário e valorização das produções locais. As respostas abertas revelaram a formulação de estratégias de enfrentamento, como “mostrar como realmente somos hoje” e “incentivar produções culturais feitas no próprio Nordeste”, apontando para a emergência de um protagonismo discente comprometido com a crítica e a transformação das narrativas.





Dessa forma, o estudo demonstra que, quando articulada à educação contextualizada e às linguagens digitais, a Educação Física escolar pode se tornar um espaço de resistência e reexistência cultural. Ao problematizar os estereótipos visuais produzidos por tecnologias de IA e ao promover práticas corporais que resgatam e atualizam a cultura nordestina, a escola reafirma sua função social de formar sujeitos críticos, criativos e conscientes de sua identidade territorial. Dessa forma, a intervenção pedagógica contribui para repensar o papel da educação no Semiárido, deslocando o olhar da carência para a potência e consolidando a imagem do Nordeste como território de saberes, diversidade e emancipação.

METODOLOGIA

Este estudo apresenta características de delineamento transversal, de caráter descritivo e de natureza quantitativa e qualitativa, configurando-se como uma intervenção pedagógica realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UNIVASF). O estudo objetiva, a partir de uma coleta de dados, descrever as percepções de determinado grupo de alunos, investigando as ressignificações pós intervenção.

A intervenção envolveu todas as turmas do Ensino Médio da instituição EREM Professora Osa Santana de Carvalho, em Petrolina-PE e, de modo mais aprofundado, 64 estudantes das turmas 1º C, 2º A e 3º C, selecionadas como grupo-piloto para observação das mudanças de percepção ao longo do processo.

O instrumento usado foi um questionário misto, elaborado pelos bolsistas do PIBID, o questionário quantitativo, composto por sete itens, respondidos por meio de uma escala Likert de 5 pontos em um continuum de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente), mediu a percepção dos estudantes sobre estereótipos e mudanças após a intervenção, e o questionário qualitativo, com três questões abertas, aprofundou essa percepção com depoimentos abertos, permitindo analisar criticamente as estratégias que os alunos sugeriram para enfrentar os estereótipos.

Os procedimentos adotados nesta intervenção obedeceram aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O direito de imagem foi respeitado mediante autorização institucional da escola, e nenhuma fotografia identificável dos estudantes foi divulgada em relatórios ou apresentações públicas. O estudo está integrado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UNIVASF). Para a coleta de dados, realizou-se a exposição das imagens, acompanhada das orientações referentes ao preenchimento do questionário, com o objetivo de





assegurar que todos os participantes compreendessem o procedimento ao qual seriam submetidos. Durante a explicação, eventuais dúvidas foram devidamente esclarecidas, garantindo a compreensão integral das etapas. A coleta ocorreu nas dependências da escola, em dias e horários letivos, com duração média de 50 minutos.

A análise combinou procedimentos de estatística descritiva para os dados quantitativos, envolvendo frequência e o percentual para as variáveis categóricas, média/desvio-padrão para a caracterização dos resultados e análise de conteúdo para os dados qualitativos, permitindo organizar as percepções dos estudantes em eixos temáticos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise das representações sobre o Nordeste, especialmente em suas expressões corporais e culturais, exige compreender os processos históricos e discursivos que sustentam a produção dos estereótipos regionais. Conforme Bhabha (1998), o estereótipo atua como uma estratégia discursiva que fixa identidades e naturaliza desigualdades, “apresenta o colonizado como uma população de tipos degenerados” (BHABHA, 1998, p. 111) e, assim, legitima as relações de dominação. Essa lógica, herdada do colonialismo, se atualiza em dispositivos contemporâneos de poder, incluindo as mídias digitais e, mais recentemente, os sistemas de inteligência artificial, que continuam a reproduzir representações hegemônicas e excludentes.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007; 2021) aprofunda essa discussão ao apontar que a invenção do Nordeste é resultado de discursos políticos, midiáticos e científicos que construíram uma imagem homogênea da região, associada à seca, à pobreza e à subalternidade. O autor define que “o discurso da estereotipia é um discurso assertivo, imperativo, repetitivo, caricatural” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 13), pois transforma condições históricas e sociais em essências naturais, deslocando a responsabilidade das desigualdades sociais para o próprio território. Essa perspectiva crítica revela que os estereótipos não apenas moldam o olhar externo sobre o Nordeste, mas também interferem na forma como os próprios nordestinos percebem e constroem suas identidades.

Nesse mesmo sentido, De Nazaré (2019) ressalta que o imaginário sobre e do Nordeste foi sendo alimentado por diferentes discursos, que ora o exaltam, ora o inferiorizam, mas sempre o delimitam dentro de representações simbólicas persistentes. Para a autora, “as imagens são capazes de alimentar representações que definem imaginários” (DE NAZARÉ, 2019, p. 131), o que evidencia o poder simbólico da visualidade na consolidação de identidades regionais. Assim, compreender os estereótipos sobre o corpo nordestino implica





reconhecer que eles são produtos históricos e culturais, transmitidos e ressignificados nas diferentes mídias, inclusive naquelas produzidas por inteligência artificial.

A esse debate soma-se a contribuição de Cabecinhas, ao afirmar que “os estereótipos nunca são neutros” (CABECINHAS, 2012, p. 152), pois expressam e reproduzem hierarquias sociais e culturais. Na mesma linha, Fleuri (2006) propõe a superação das práticas educativas baseadas em estereótipos, defendendo políticas da diferença que valorizem a diversidade e a pluralidade cultural como fundamentos da educação emancipatória. Essa perspectiva é essencial para o campo da Educação Física, uma vez que o corpo, como linguagem e símbolo social, é constantemente atravessado por representações, identidades e disputas de poder.

Com a expansão das tecnologias de inteligência artificial generativa, novas formas de produção de imagens têm reproduzido e, em alguns casos, intensificado, os estereótipos sobre grupos sociais. Porikli e Porikli (2025) destacam que Pesquisas “demonstraram que os modelos T2I frequentemente apresentam vieses sociais que podem levar a danos representacionais e marginalizar ainda mais grupos minoritários.” (PORIKLI; PORIKLI, 2025, p.1). Segundo os autores, o preconceito presente nos modelos generativos não apenas reforça representações estereotipadas, mas também restringe a diversidade das imagens produzidas, resultando em reproduções visuais padronizadas e excludentes.

Diante desses desafios, Kraus (2015) propõe a educação contextualizada como alternativa epistemológica e política capaz de romper com o tecnicismo e com o discurso reducionista que associa o Semiárido à carência e à escassez. A autora defende uma educação que reconheça as potencialidades locais, valorize os saberes regionais e promova a convivência com o Semiárido como princípio formativo. Essa proposta se insere em uma luta simbólica pela desconstrução de preconceitos e pela construção de uma nova territorialidade educativa e identitária.

No campo da Educação Física, tal abordagem se articula à concepção crítico-emancipatória defendida por Kunz (1999), segundo a qual o ensino deve estimular a reflexão, a autonomia e a transformação social por meio das práticas corporais. A corporeidade, nesse contexto, é compreendida como linguagem de resistência e forma de expressão cultural. Assim, ao relacionar as manifestações corporais nordestinas, como as danças juninas, com a leitura crítica das imagens digitais, a Educação Física assume papel central na formação de sujeitos críticos, capazes de questionar representações e valorizar suas identidades.

Portanto, o referencial teórico que fundamenta este trabalho articula três dimensões complementares: a crítica pós-colonial à produção de estereótipos sobre o Nordeste (Bhabha, 1998; Albuquerque Jr., 2007, 2021; De Nazaré, 2019); a análise dos vieses e desigualdades





presentes nas tecnologias de inteligência artificial (Porikli & Porikli, 2025); e a perspectiva da educação contextualizada e emancipatória (Kraus, 2015; Kunz, 1999; Fleuri, 2006), que posiciona a escola, e a Educação Física, como espaço de resistência e re-existência cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Organizada em três etapas integradas, iniciamos com rodas de conversa para diagnóstico qualitativo, seguido por sequência didática de danças juninas que articulou técnica e identidade cultural, oficinas corporais na quadra, fundamentada na perspectiva da educação contextualizada (Kraus, 2015), e problematização de estereótipos visuais gerados por IA. A sequência didática valorizou o eixo “Danças” da BNCC, conciliando técnica (passos, ritmos, marcas no espaço) e sentido identitário das quadrilhas, do xote e do forró pé-de-serra. A metodologia inspirada nos modelos pedagógicos ativos, especialmente as oficinas colaborativas de criação coreográfica, então propomos que a turma discutisse a história do forró e depois incorporasse elementos desse folguedo aos movimentos de quadrilha, abrimos espaço para a autonomia, a pesquisa e a negociação de sentidos.

Na prática, o princípio da Concepção Crítico-Emancipatória ganhou vida quando convidamos os alunos a mapear suas memórias juninas antes mesmo do primeiro ensaio. Esse diagnóstico dialoga com a teoria que defende a dança como linguagem expressiva e como leitura crítica da cultura, vivências corporais que incorporaram experimentação e “erro construtivo” permitindo que cada aluno reconhecesse no arrasta-pé não apenas um “passo a passo”, mas mapear memórias juninas e ressignificar passos e ritmos como patrimônio compartilhado. Finalizamos essa etapa com apresentações e a culminância do São João da escola.

Na terceira etapa, doze imagens geradas por diferentes modelos de IA, a partir de prompts relacionados a representações de homens, mulheres e jovens nordestinos em cenários urbanos e escolares, foram exibidas para que os alunos identificassem elementos recorrentes e ausências significativas, estratégia inspirada na perspectiva de leitura crítica das mídias visuais discutida por Chammas (2012) como ferramenta para evidenciar a construção de estereótipos regionais, sustentando a discussão coletiva. Em seguida, aplicou-se questionário misto (sete itens com escala Likert, em um continuum de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente), e três questões abertas que investigou a adequação das imagens da IA, a presença de estereótipos e a mudança de percepção dos estudantes sobre a diversidade cultural nordestina. O instrumento avaliava o impacto da discussão sobre estereótipos



construídos pelas mídias digitais a fim de mensurar mudanças de percepção sobre diversidade cultural nordestina.

As oficinas de dança, a análise comparativa “IA×Realidade” e o questionário pós-atividade revelou mudanças expressivas na percepção dos estudantes sobre a cultura corporal nordestina. Entre os 64 alunos das turmas-piloto, a média de concordância com a afirmação No item Q1 – “As imagens criadas pela IA retratam adequadamente as pessoas da minha comunidade” –, 59,4% marcaram 1 ou 2 (37,50% e 21,88%, respectivamente), ao passo que apenas 12,5% atribuíram 4 ou 5; o escore médio situou-se em $2,19 \pm 0,62$, evidenciando rejeição quase unânime das representações estereotipadas.

Em contrapartida, o item Q6 – “Após a atividade prática, minha percepção sobre a diversidade cultural nordestina melhorou” – atingiu média $3,40 \pm 0,68$, com 57,8% de respostas 4 ou 5, indicando ampliação efetiva do repertório identitário dos discentes. Resultados semelhantes surgiram em Q5, 48,44% dos alunos concordaram fortemente que a IA reforça estereótipos negativos, corroborando a advertência de Porikli & Porikli (2025) de que modelos texto-imagem exibem disparidades significativas de gênero, raça e faixa etária.

A análise quantitativa do questionário revelou padrões consistentes de rejeição às imagens de inteligência artificial e de valorização das práticas pedagógicas propostas. As questões Q1 ($2,16 \pm 0,29$) e Q2 ($2,23 \pm 0,32$) indicaram que os estudantes, em média, discordaram que as imagens representavam adequadamente os nordestinos, reforçando uma percepção crítica inicial. Essa tendência foi ainda mais acentuada em Q3 ($1,91 \pm 0,32$), que apresentou a menor média, evidenciando rejeição expressiva às representações estereotipadas.

Por outro lado, Q4 ($2,30 \pm 0,36$) mostrou que os alunos identificaram estereótipos, embora de forma não homogênea entre os grupos. Os resultados de Q5 ($3,48 \pm 0,43$) e Q6 ($3,40 \pm 0,34$) confirmaram o impacto da intervenção pedagógica, revelando que a maioria dos estudantes ampliou sua percepção crítica e passou a valorizar a diversidade cultural e corporal nordestina. Já Q7 ($2,96 \pm 0,40$) destacou o protagonismo discente, na medida em que os alunos propuseram estratégias de enfrentamento dos estereótipos, como “mostrar como realmente somos hoje” e “produzir conteúdo locais”, ainda que com variações entre turmas.

O questionário qualitativo revelou três eixos centrais de aprendizagem, reconhecimento de similitudes pontuais, mas periféricas: os alunos admitiram que alguns aspectos mostrados pelas IAs, como certos tipos de moradia, acessórios regionais e o uso ocasional de chapéus, correspondem, em parte, ao cotidiano nordestino. Essa aproximação, contudo, foi descrita como “apenas a casca”, insuficiente para representar a riqueza cultural observada nas vivências práticas. Percepção ampliada dos estereótipos: a lista de elementos





que “divergem mais da realidade” dominou as respostas: traços faciais homogêneos, pele variavelmente clara ou demasiadamente escurificada, cenas rurais datadas e esportes pouco praticados na região foram citados de forma recorrente.

Após as discussões, muitos estudantes passaram a nomear essas distorções como “estereótipos completamente errados e exagerados” e reconheceram que “o pessoal de fora vê a gente de outra forma”. Tal mudança indica desenvolvimento de olhar crítico sobre a produção midiática e seus filtros culturais. E formulação de estratégias para a mudança: provocados a sugerir caminhos para diminuir estereótipos, os discentes apontaram ações concretas: “mostrar como realmente somos hoje em dia”, “incentivar produções culturais feitas no próprio Nordeste” e “divulgar o cotidiano nas mídias sociais”. Os comentários abertos reforçam a estatística. A maioria descreveu as figuras de IA como “datadas”, “exageradas” ou “quase todas estereotipadas”, mas propôs ações de correção: “mostrar como realmente somos hoje” e “incentivar produções culturais feitas no próprio Nordeste”, essas proposições sinalizam não apenas consciência do problema, mas também protagonismo na busca de soluções, alinhando-se ao objetivo do projeto de favorecer a ré-existência nordestina por meio de mediações críticas e produção cultural autêntica. A experiência mobilizou a Educação Física como espaço de resistência, alinhada à defesa de Kraus (2015) de uma educação contextualizada que integra currículo, território e identidade, capaz de tensionar os discursos hegemônicos e fomentar uma leitura crítica das imagens de IA.

A vivência fortaleceu a autoimagem dos estudantes ao deslocar o foco de um Nordeste folclorizado para narrativas plurais construídas por eles mesmos. Parcerias internas, docentes, coordenação, bolsistas PIBID garantiram logística e legitimidade ao processo, demonstrando que ações intersetoriais fortalecem práticas educativas alinhadas à realidade local. O processo, contudo, não foi isento de desafios, a duração limitada das aulas exigiu organização de estações rotativas, e falhas recorrentes na energia da quadra atrasaram a audição das músicas, e o uso de recursos audiovisuais, previsto para todas as aulas a fim de analisar posturas e formações. além disso, alguns estudantes resistiram inicialmente às danças regionais por considerá-las “antigas”. Esse obstáculo foi minimizado quando trouxemos influências contemporâneas, como o piseiro eletrônico, demonstrando a dinamicidade da cultura.

O ideal de avaliação contínua, com registros pormenorizados de esforço e expressividade, esbarrou no tempo reduzido de aula e no grande número de participantes; precisamos substituir rubricas detalhadas por observações rápidas em círculos de fechamento, mantendo o feedback, mas de forma menos minuciosa. Apesar dessas lacunas, a teoria mostrou-se mais farol do que roteirização rígida. Quando um grupo hesitou em executar o





“balanceio” por receio de errar, relacionamos o conceito de erro construtivo, lembrando que a experimentação faz parte do processo criativo. Esse diálogo in loco exemplificou a reflexão-na-ação: ajustes de formação, troca de pares, variação de velocidade, tudo se transformou em oportunidades de aprendizagem.

Em síntese, buscamos alinhar nosso trabalho à defesa de uma Educação Física escolar capaz de problematizar identidades, questionar estereótipos e valorizar a diversidade cultural do Semiárido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência evidenciou que a Educação Física, quando articulada às linguagens digitais sob a perspectiva da educação contextualizada, atua como dispositivo crítico de desconstrução de estereótipos sobre o Nordeste e de fortalecimento das identidades regionais. Ao problematizar imagens geradas por inteligência artificial e contrapor esses retratos a vivências corporais autênticas, ampliou-se a consciência crítica dos estudantes acerca das narrativas midiáticas que moldam tanto o olhar externo quanto o interno sobre o povo nordestino. Os questionários aplicados indicaram redução na adesão a visões simplistas do território e maior reconhecimento da pluralidade de ritmos, danças e expressões culturais que compõem a realidade local. Além de enriquecer o repertório cultural, a iniciativa fomentou protagonismo discente por meio de depoimentos e proposições de estratégias para difusão de imagens mais representativas do Semiárido, fortalecendo o diálogo entre escola e comunidade. Como perspectivas de continuidade, destaca-se a ampliação da análise crítica para outras mídias digitais, o uso de recursos tecnológicos para coleta de dados e o estabelecimento de parcerias com cursos de Artes e Tecnologia da Informação, potencializando a produção cultural local e consolidando a escola como espaço ativo de resistência e reexistência no Semiárido.

AGRADECIMENTOS

Financiamento do PIBID/UNIVASF/CAPEF

REFERÊNCIAS





BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRASIL, S. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
Acesso em: 18/06/2025

CABECINHAS, Rosa. **Estereótipos sociais, processos cognitivos e normas sociais**. 2. ed. Porto: Campo das Letras, 2012.

CHAMMAS, Priscila Dáu. **O estereótipo do nordestino na televisão brasileira**. 2009. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

DE ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. Cortez Editora, 2007.

DE ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Cortez editora, 2021.

DE NAZARÉ, Manuella Mirna Enéas. Construindo uma região: imagem e imaginário sobre o Nordeste brasileiro. **Revista INTERFACES**, v. 29, n. 1, p. 130-145, 2019.

FLEURI, Reinaldo. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educação & Sociedade**, v. 27, n. 95, p. 495-520, 2006.

KRAUS, Lalita. A educação contextualizada no semiárido brasileiro: entre desconstrução de estereótipos e construção de uma nova territorialidade. **Revista de Geografia (UFPE)** V, v. 32, 2015.

KUNZ, Elenor. Esclarecimento e emancipação-pressupostos de uma teoria educacional crítica para a Educação Física. **Movimento**, v. 5, n. 10, p. 35-39, 1999.

PORIKLI, Sedat; PORIKLI, Vedat. Hidden bias in the machine: stereotypes in text-to-image models. **arXiv preprint, arXiv:2506.13780**, 2025. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2506.13780> Acesso em: 15 set. 2025.

